

O ITINERÁRIO TEOLÓGICO DA RELAÇÃO DEUS-SER HUMANO-NATUREZA

1. Cf Henrique Cláudio de Lima VAZ, *Tomás de Aquino: pensar a metafísica na aurora de um novo século*, em *SÍNTESE. BELO HORIZONTE, Nova Fase*, 23, (1996, n. 73), pp. 159-207.

Uma semana teológica sob o signo da ecologia: nós no mundo e o mundo em nós. Que tem a ver ecologia com teologia? Simples moda? Concepção mercadejada de inculturação? Será que a teologia cristã, católica, tem realmente algo a dizer no debate nascido há menos de cinquenta anos atrás, sobre a degradação do planeta, nossa casa, exposta ao risco de progressiva deterioração?

Começaremos procurando sublinhar a relação profunda existente entre a problemática ecológica e o pensamento teológico, para seguir depois um itinerário, aparentemente longo, mas significativo, que nos permitirá, numa terceira parte, desenhar o perfil do que consideramos a problemática teológica fundamental da ecologia.

1. ECOLOGIA, UM PROBLEMA TEOLÓGICO.

Num sentido genérico e amplo pode-se dizer que a ecologia é o conjunto de percepções, atitudes, conhecimentos e ações provocados pela consciência crescente de que os recursos do planeta são limitados e sobretudo, que as condições de aparecimento, desenvolvimento e conservação da vida são hoje mais delicadas do que nunca. O universo está ameaçado em sua totalidade, se não reagirmos contra a ideologia e a prática do progresso científico-tecnológico indefinito. A idéia de que o ser humano dotado de razão é senhor do mundo e pleno dominador de todas as forças da natureza é a marca patriarcal de uma cultura, que ameaça a sobrevivência da vida! Fala-se por isso, cada vez mais, de um ecofeminismo que se impõe, verdadeira revolução cultural.

De fato, a idéia de um universo ilimitado, autônomo, absoluto, divino estava subjacente na filosofia greco-ocidental da antiqüidade. Traduzia-se pela indefectível reapresentação cíclica de todos os seres e acontecimentos que o compunham. O cosmos passou a ser concebido, pelos filósofos, como emanção dos princípios primeiros inteligíveis, as idéias arquétipos, ou então como substâncias e ações polarizadas por um pensamento que, pensando-se a si mesmo, explicaria o dinamismo inteligível da realidade. Platão e Aristóteles concordaram com o absoluto do universo.

A modernidade renascentista, ao desenterrar o pensamento antigo, resgatou a ideologia de um mundo divino e absoluto, sem ter plena consciência, ao que parece, do retrocesso cultural que operava. A forma moderna de encarar a realidade correspondia ao espírito do tempo, pois vinha no bojo de uma afirmação ainda mais exaltante da soberania do ser humano sobre o universo, professada claramente, pensava-se, na primeira página da Bíblia. O humanismo cristão, como então se autodenominou, pensemos num Erasmo de Rotterdam, considerava o mundo como confiado por Deus aos humanos, seres racionais e livres, encarregados de explorar até o fim as riquezas inesgotáveis da natureza, dom do Criador. Que se aperfeiçoem os instrumentos da ciência e da técnica e a humanidade irá indefinidamente caminhando no cumprimento de sua vocação divina de dominar a terra.

Ora, *“é pelo fruto que se reconhece a árvore”* (Mt 12,33). Os frutos da modernidade, da absolutização do mundo e da exaltação prometeica do ser humano que se leu, indevidamente na Bíblia, aí estão: a bomba atômica, a manipulação letal da vida, a poluição da terra, da água e do ar, o empobrecimento progressivo da grande maioria da população do globo, a destruição quase sistemática da vida, uma cultura de morte, como se costuma dizer. A humanidade, no seu conjunto, perde a vida e a bolsa. Empobrece-se e morre. Vê-se destituída dos meios de viver e da própria vida, pois de que valem os recursos materiais concentrados nas mãos de uma minoria, se não reina a solidariedade e o amor?

Formulado nesses termos, o problema é de incontornável relevância teológica: para sanar pela raiz o veio cultural infectado, que alimenta a cultura de morte, de que todos sentimos hoje a necessidade de nos libertar, e pela qual somos responsáveis, na medida em que a má leitura do *Gênesis* exaltou indevidamente o domínio patriarcal dos humanos, é preciso colocar melhor a questão das relações entre o mundo e Deus, reinterpretar, num sentido mais autenticamente bíblico, a transcendência de Deus, incompatível com a absolutização do mundo e recolocar os humanos na atitude autêntica, veraz e humilde de quem é feito para gerir o cosmos a serviço da vida, não para dominar seu semelhante e o mundo.

2. DEUS E O MUNDO NA TEOLOGIA CRISTÃ.

Os estudos históricos levados a efeito desde a primeira metade deste século, sobre as raízes filosóficas da modernidade chegaram à conclusão, admitida hoje por todos os autores, de que a idéia de criação foi a responsável pela transformação radical da herança filosófica grega, em diálogo com o pensamento cristão radicado na Bíblia e nos Pais da Igreja, desenvolvido depois pela escolástica medieval, no que inúmeros autores, em continuidade com Étienne Gilson, denominam filosofia cristã. A pouca atenção que se tem hoje dado, entre nós, ao pensamento medieval, dificulta sobremaneira a percepção do alcance ecológico das soluções que então se propuseram ao problema fundamental das relações entre o ser humano, a natureza e Deus, que os antigos, aliás, sempre entenderam como sendo antes o problema das relações entre Deus e o mundo.

Não nos é possível discutir aqui em sua amplitude os diversos avatares dessa problemática, muito menos, sua evolução na história. Começou com os primeiros contatos da tradição judaica com o pensamento grego, que tem sua origem no ambiente filosófico alexandrino, em que as Escrituras foram traduzidas em grego e enriquecidas de vários livros, mais tarde incorporados ao cânon, grego, naturalmente. Nas suas origens, o cristianismo não ficou alheio a esse diálogo. Notam-se traços evidentes de sua atualidade, como, por exemplo, no famoso discurso no Areópago, consignado em Atos 17, muito mais do que no prólogo joanino, como o sabemos. Os apologetas vão retomar o diálogo com a filosofia, que a escola de Alexandria vai admiravelmente desenvolver. Ele está presente no ingente esforço multissecular de formulação dogmática, sobretudo no Oriente, enquanto no Ocidente, desde os tempos de Agostinho, orienta-se mais decididamente para a constituição de um pensamento cristão original, que incorpora como que naturalmente o aporte cultural antigo. É verdade que mais do ponto de vista formal da retórica e da lógica do que do ponto de vista metafísico, sem que se descure de todo da reflexão cosmológica, sobre o tempo e a eternidade, por exemplo, ou sobre os mecanismos do conhecer humano e espiritual.

A Escolástica herdou, de início, a tradição lógica, consignada no *Organon* aristotélico. Mas deu logo um passo adiante, apenas os estudos se libertaram do círculos demasiado restritos dos mosteiros. Sabemos como é apaixonante reconstituir o salto da lógica para a metafísica, depois da progressiva entrada dos outros escritos do *Estagirita*, por via dos árabes, nas universidades medievais, recém-nascidas em fins do século XII.

A questão das relações entre Deus e o mundo passa então a ocupar o centro dos debates. A fé na criação é a chave de todas

as pistas de solução ensaiadas entre cristãos, árabes e judeus. As posições variam enormemente, desde as perspectivas emanacionistas, tingidas de neoplatonismo, até as aporias resultantes da convicção de que nada permitiria duvidar da eternidade do mundo e, portanto, de seu relativo absoluto, segundo as pretensões averroístas. Encoberta pelo choque das alegações contrastantes das múltiplas autoridades, a problemática que está em jogo é, na realidade, a questão Deus-mundo.

Com o recuo hoje de sete séculos, depois de haver passado pelos altos e baixos da rejeição e da exaltação, inclusive por períodos mais ou menos longos de olvido, desprezo e até interpretações deformantes ou utilizações indevidas, de que a atualidade talvez seja um fulgurante exemplo, deve-se reconhecer que o pensamento medieval tem um alcance ecológico extraordinário, justamente porque soube colocar numa profundidade raramente atingida a questão fundamental da relação Deus-mundo, que há de comandar pela raiz o problema da relação ser humano-natureza, em que tende a se concentrar uma certa ecologia teologicamente míope.

Para não discutir a questão na sua generalidade, fixamos no que melhor conhecemos, que é a solução tomasiana, isto é, historicamente adotada por Tomás de Aquino, no século XIII. Note-se bem, não falamos na solução tomista. O tomismo adquiriu posteriormente um sentido genérico-vazio, desde que foi invadido pela onda nominalista, que considerava as idéias gerais como simples quadros de disposição dos conceitos e dos nomes. No caso da teologia, a consistência material do saber proviria apenas da simples qualificação dogmática de suas fontes, de acordo com a metodologia de Melquior Cano. A solução tomasiana tal como o sublinhou ainda recentemente o Pe Vaz, é outra coisa, e de grande atualidade, pois abre novas perspectivas metafísicas para o novo século e, acrescentaríamos, converte a questão Deus-mundo na questão central de todo o pensamento ecológico cristão

A questão Deus-mundo, colocada pelos filósofos a partir do mundo e pelos teólogos a partir da criação, de Deus, portanto, só pode ser deslindada quando se considera o abismo entre a condição do ser, no sentido verbal do termo, do existir, que é totalmente outra na criatura e em Deus. A criatura é, existe, na dependência de Deus, mas Deus não é, não existe na dependência de nada nem de ninguém. Deus é, pois, por si mesmo. Isto significa que o ser, no sentido verbal, o existir, é ato, perfeição. Deus é o ser e as criaturas, participam do ser. O mundo, ser humano e natureza, são radicalmente dependentes de Deus, existem somente na medida em que Deus os quer e unicamente em função de Deus. Nas criaturas, com efeito, o ser não é o que são, mas é

recebido, como perfeição última do perfil que tem cada uma, dentro dos limites daquilo que é, de sua essência.

Foi a partir deste núcleo metafísico, mediação analógica para a compreensão do dado bíblico da criação, ao mesmo tempo que seu fruto mais significativo, que Tomás de Aquino, solidário com a linguagem e a cultura de seu tempo, construiu sua teologia da relação Deus-mundo. Na acepção tomasiana do termo, a relação Deus-mundo, mais ainda do que valor sistêmico, que permite a compreensão global do dado revelado, tem valor sistêmico, pois está presente no íntimo de todas as questões teológicas que se possam levantar, já que Deus é, em última análise, o *subjectum* de que trata a teologia e que lhe confere a unidade radical de que goza como sabedoria.

A relação Deus-mundo é a chave, inicialmente para o conhecimento de Deus, cujas perfeições se nos tornam manifestas a partir da criação, depois de ultrapassado o abismo analógico da teologia negativa. É também a criação que nos permite falar do mistério três vezes secreto das pessoas divinas, eterna e unidamente interrelacionadas, o Pai, princípio sem princípio, o Filho, eternamente gerado e o Espírito procedente e unificante. Ressoa ainda a doutrina da criação, com todo vigor, na compreensão do mundo e do ser humano, em todos os momentos do seu agir, desde o caminhar para a bem-aventurança, por todos os meandros da vida ética, até a consumação na Pátria, antecipada na fé, na esperança e, sobretudo, no amor, que não passa. É ainda a relação Deus-mundo que preside a seu modo a compreensão da Encarnação e da Redenção, expressão da vinda de Deus à história e do agir do Filho de Deus no Espírito, que se prolonga na Igreja e nos sacramentos e há de se coroar na escatologia.

Nesse conjunto, Tomás de Aquino assinalou três momentos sistemicamente caracterizados pela diversidade dos tipos de relação Deus-mundo, prevalecente em cada um deles:

- *o provider de Deus*, que caracteriza o universo criado, presidido pelo ser inteligente e livre, chamado por isso a comandar a história e o encaminhamento de todas as coisas para o seu fim, que se estuda na primeira parte da *Suma de Teologia*;
- *o encaminhar-se para Deus*, objeto da segunda parte, que caracteriza a criatura inteligente e livre, o ser humano, chamado livremente a participar da vida de Deus, em função do que, sem prejuízo de sua liberdade, mas para reforçá-la, é instruído pela lei e confortado pela graça.. Mas como o exercício da liberdade se desenrola nos mínimos detalhes da vida humana, Tomás de Aquino o analisa minuciosamente numa segunda parte desta mesma parte segunda;

- *a suprema proveniência e a condição real histórica deste encaminhar-se*, porém, depende de um fato em todos os sentidos singular, o fato Jesus, que cria para o teólogo uma esfera específica de análise, compreendendo a originalidade de tudo que hoje designamos por história da salvação ou mistério cristão.

Para resumir, poderíamos dizer que a lição ecológica decorrente da proposta tomasiana de solução ao problema da relação Deus-mundo implica três perspectivas básicas a serem integradas numa ecologia cristã:

- *a bondade radical e o sentido positivo da natureza*, incluindo o ser humano, como provenientes de Deus, a vida, se quisermos, conferindo ao termo vida um sentido genérico e englobante da vida material, vegetal, animal e humana. Vida que ao universo no seu conjunto e ao ser humano se impõe, por serem criaturas e de que o ser humano está encarregado de cuidar, por ser inteligente e livre. Do ponto de vista técnico, a função do ser humano no mundo não é uma função patriarcal e machista de domínio, mas antes uma função radicalmente materna, de valorizar as coisas, de gerar e cuidar da vida de todos seres, para que sejam respeitados e jamais violentados, para que cresçam e se desenvolvam, sem jamais serem vilmente usados ou explorados até o esgotamento.
- *a posição maternal do ser humano no universo*, do ponto de vista ético, pois o ser humano é único por sua inteligência e liberdade, mas, por seu ser, é solidário com todas as criaturas, encarregado pois de levar com amor a totalidade do universo à sua plena realização, dizendo sim a Deus, até nos mínimos detalhes de sua vida. Ora, o ser humano se encaminha para a realização suprema de sua vocação, que coincide com a transformação escatológica do universo, através das coisas e da história, por seu agir livre, sua vida responsável e ética. A ecologia cristã, mais radicalmente ainda do que o cuidado técnico com a vida, insistirá sobre a fidelidade ao amor recíproco, expressão do amor de Deus e coroamento da vida ética, através do que somente a criatura não será violentada, desfigurada, como o é quotidianamente, pelo pecado humano.
- *a significação derradeira do cosmos*, expressa definitivamente na vida e na missão de Jesus que, na humildade de sua existência humana mostrou o caminho de Deus a todos os humanos. Para Tomás de Aquino, Jesus não é um rei triunfante, um sacerdote distante, nem um chefe patriarcal, pois, de fato, operou a nossa redenção por

um ato de amor, no Espírito. Foi este agir, por assim dizer, maternal de Jesus, de quem dá a vida pelos seus, que exprime na história a significação derradeira do que Deus espera do mundo e dos humanos: amarem-se uns aos outros como irmãos e dedicarem-se uns aos outros até o fim, antes que seja tudo em todos, como já se antecipou de certa forma, na glorificação do Filho e no acolhimento de Maria, única humana, mulher, chamada a participar fisicamente da vinda de Jesus e, como hoje o sabemos melhor que Tomás de Aquino, jamais atingida pelo pecado.

Bondade do mundo, liberdade do ser humano, missão do Verbo e dom do Espírito, pode-se dizer, são as bases ecológicas decorrentes da solução tomasiana ao problema da relação Deus-mundo.

3. A INTERPELAÇÃO ECOLÓGICA DA TEOLOGIA.

Não se pode ter, de maneira alguma, a pretensão de ver encaminhados, nem, muito menos, resolvidos pelos pensadores medievais, as questões teológicas levantadas hoje pela ecologia. Seria um anacronismo sem tamanho. É preciso reconhecer honestamente a especificidade da problemática atual e não pretender tê-la resolvido por antecipação. É pois indispensável enfrentar o problema teológico da ecologia tal como hoje se coloca, antes mesmo de ir buscar princípios de solução no passado, na Bíblia, no pensamento dos Pais da Igreja, na Escolástica ou em qualquer linha julgada tradicional do pensamento cristão.

Mas, por outro lado, diferentemente das ciências, a teologia não evolui por substituição das soluções, e muito menos, dos princípios anteriormente válidos. Embora seja sempre provocada a trabalhar com novos paradigmas, só cresce verdadeiramente e se desenvolve quando mantém continuidade com os paradigmas do passado, levando em consideração suas luzes, na constelação sempre renovada de pressupostos e princípios que comandam a solução dos problemas novos, mas sempre recorrentes. Embora fale de muitos e variados modos aos humanos, a Palavra de Deus portadora do Espírito, com a qual está articulada a teologia, permanece eternamente, é sempre a mesma, pelos séculos infínitos.

Mas é indispensável partir da problemática ecológica, que interpela hoje a teologia. Sem pretender elaborar um inventário completo desses desafios, apontemos para alguns dos mais evidentes, que nos ajudarão a entender a proposta com que concluímos esta fala.

Como fundamentar, teologicamente, a limitação dos recursos naturais, que exige uma atitude de preservação do meio ambiente, como condição de sobrevivência da humanidade? Qual é o caminho para a efetiva defesa da vida? O cerceamento do crescimento demográfico, que por tendência dos humanos, especialmente mais pobres, vai além dos recursos do planeta, ou, constatada essa exiguidade objetiva de recursos, apelar para a consciência dos humanos para que livremente ajam responsabilmente?

Em que sentido, do ponto de vista teológico, pode-se construir uma ética com base no respeito à vida, chegando a fazer da opção pela vida um princípio inspirador até mesmo do agir cristão e da Igreja, quando sempre se teve, como dado fundamental, de que não é aqui nossa morada permanente, nossa *oikos*, e que o cristianismo esteve, durante dois mil anos, empenhado em anunciar que a figura desse mundo passa e que é preciso renunciar de maneira total, inclusive à vida, se quisermos seguir a Jesus?

A qualidade de vida, além do respeito ao meio ambiente, exige sobretudo respeito às pessoas, como condição de sobrevivência. Valem então as pessoas mais do que a verdade? Devem prevalecer as pessoas quando confrontadas com a ortodoxia da fé, as exigências da instituição ou da moral eclesásticas, visto que a própria Igreja nada mais quer ser do que a intérprete fiel da natureza e da lei divina inscrita na própria natureza? Até que ponto uma atitude ecológica meio ingênua ou hipócrita, entretida pela ação dos cristãos, não pode velar a consciência alimentada tantas vezes na história, pelo cristianismo, de que as pessoas estão a serviço da instituição, esse pecado maior da Igreja, de que precisamos pedir perdão, como nos diz João Paulo II em sua recente constituição apostólica sobre o terceiro milênio?

Que há, finalmente, de ecológico na cruz de Jesus? Não estaremos esvaziando o caminho da cruz, sob pretexto de fazer as pazes com a vida?

A nosso ver, o encaminhamento de uma resposta a tais interpelações, cuja gravidade seria leviano subestimar, passa pela correta colocação do problema Deus-ser humano-natureza, que nos foi proposto. É preciso tomarmos consciência de que há uma grande diferença entre a visão moderna e o pensamento cristão antigo, na maneira de entender a posição do ser humano entre Deus e a natureza.

Para os modernos, o ser humano exerce mediação indispensável entre Deus e a natureza. Deus entregou-lhe o mundo. O homem é pois senhor do mundo, como Cristo é rei. A gestão do mundo está em suas mãos. Confiando na razão, na ciência e na tecnologia, a humanidade pode sonhar com a utopia de dominar o mundo, de transformar a sociedade e de realizar na

história o plano de Deus. Para coibir os abusos, porém, a ecologia precisa lembrar-lhe que assim como seu agir se deve pautar pelas normas éticas, seus empreendimentos científico-técnicos se devem submeter às normas ecológicas.

Para os medievais, a gestão do mundo está nas mãos de Deus, como sempre esteve, em decorrência da criação, que não é um acontecimento do início dos tempos, mas uma condição de todo ser existente que não é Deus, puro existir. Mais do que senhor ou rei, e num certo sentido cristão, por ser rei e senhor, o ser humano está a serviço da natureza, isto é, a serviço da vida. Deus está na natureza como no ser humano. A ecologia, como a ética, antes de ser um conjunto de preceitos e normas, é a condição do existir humano e do mundo, pois a missão do ser humano no mundo é dar glória a Deus, reconhecer a maravilha de seus dons, no seio da mãe natureza, gaia, no útero de quem somente nos é possível viver.

Enquanto o ser humano disputar com a natureza o primado da vida, a natureza reduzirá o humano à servidão, terá o homem que trabalhar com o suor de sua fronte e a mulher que gemer e chorar no momento mesmo de dar a vida. Somente quando ser humano e natureza se derem as mãos, reconhecerem-se solidários, no mal e no bem, no pecado e na bem-aventurança, nas mãos de Deus, encontrar-se-á o caminho da vida, para o ser humano e para a natureza, que é o caminho trilhado por Jesus e sustentado pelo Espírito.

Francisco Catão
Professor de Teologia Dogmática
Instituto Pio XI